

# Julho abre com o mercado global tentando descobrir se o dinheiro ficará mais caro ou mais barato nos próximos meses.

E essa resposta vai chegar de três direções ao mesmo tempo.



Da política monetária americana, do cenário eleitoral brasileiro e do comportamento do Bitcoin num momento em que o mercado de cripto vive uma das maiores correções dos últimos dois anos.

Cada um desses vetores já está afetando patrimônios no Brasil.

Poucos estão lendo os três juntos.

## O novo chefe do Fed e o que mudou sem que ninguém percebesse.

Em junho, Kevin Warsh presidiu pela primeira vez uma reunião do Federal Reserve, o banco central americano.

A decisão de manter os juros no intervalo entre 3,50% e 3,75% era esperada. O que não era esperado foi a forma como ele conduziu a comunicação após a decisão.

Warsh retirou do comunicado oficial qualquer referência a movimentos futuros de juros. O texto que saiu foi o mais curto em anos, com apenas um parágrafo sobre a conjuntura e nenhum sinal sobre o que vem pela frente.

Para quem acompanha o Fed há tempo, isso não é detalhe de comunicação, é uma mudança de regime.

O que o dot plot, o gráfico que mostra as projeções dos membros do comitê, revelou foi ainda mais relevante: a maioria dos diretores passou a projetar pelo menos uma alta de juros ainda em 2026.

NESTE ANO:

A Projeção  
de Inflação  
Subiu

2,7% → 3,6%

**O Fed não está mais falando em cortar juros.**

**Está falando em possivelmente apertar mais.**

A próxima reunião do Fed acontece nos dias 28 e 29 de julho e, nesse intervalo, dois dados vão definir o tom do que vem pela frente: o relatório de emprego de julho e o índice de inflação ao consumidor de junho, divulgado em 14 de julho. Esses dois números juntos dirão ao mercado se o banco central americano tem espaço para ficar parado ou se vai precisar agir.

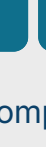


Para quem tem patrimônio no Brasil, isso importa de forma direta.

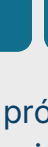
Juros americanos  
mais altos por  
mais tempo



Dólar Mais  
Forte



Real Mais  
Pressionado



Menor apetite  
global por  
ativos de risco.

Quem ainda não revisou a composição cambial da própria carteira entra no segundo semestre com uma exposição que o cenário de início do ano não justificava mais.

## Bitcoin: o que está por trás da queda e o que a história diz sobre julho

O Bitcoin encerrou junho com queda superior a 30% no acumulado do ano, operando abaixo de US\$ 60 mil pela primeira vez desde setembro de 2024.

Os ETFs americanos registraram sete semanas consecutivas de saídas, totalizando quase US\$ 6 bilhões retirados. O mercado de curto prazo está vendendo.

Mas o motivo da queda muda completamente a leitura do que está acontecendo: não existe crise interna no mercado de cripto, não tem exchange quebrando, não tem fraude, não tem colapso de protocolo.

O que está pesando é exatamente o mesmo ambiente que derrubou as ações de tecnologia: juros americanos mais altos por mais tempo reduzem o apetite por qualquer ativo considerado de risco. Bitcoin, Nasdaq, semicondutores. Tudo caiu pela mesma razão.

Há um dado histórico que poucos estão mencionando: a empresa de análise Rekt Capital levantou que, desde 2013, em praticamente todos os anos em que junho foi negativo para o Bitcoin, julho respondeu com movimento contrário. Em 2026, junho acumulou queda próxima de 19%, o pior desempenho mensal desde o mercado de baixa de 2022. Isso não é previsão, é padrão histórico que o mercado acompanha com atenção.

Outro dado que contrasta com o pessimismo de curto prazo: enquanto os fundos institucionais de curto prazo saem, os detentores de longo prazo seguem acumulando. Segundo dados da CryptoQuant, mais de 2.600 Bitcoins foram adicionados por investidores com horizonte de anos nas últimas semanas, movimento que se repete há quatro meses consecutivos.

O dinheiro de quem entende o ativo não está sendo, está esperando. Para quem pensa cripto dentro de uma estratégia patrimonial de longo prazo, o ponto central não é tentar capturar o fundo do movimento. É entender que momentos de pressão macroeconômica como o atual já ocorreram antes e que o posicionamento antes da recuperação define o resultado mais do que o timing perfeito da entrada.

## A eleição que está ficando mais complexa e o que isso significa para o câmbio.

O cenário eleitoral brasileiro entrou em julho mais imprevisível do que estava em junho. Lula vê a aprovação de governo cair para o pior nível desde julho do ano passado, com saldo negativo de 7 pontos percentuais segundo a Genial/Quaest. Flávio Bolsonaro consolida crescimento nas pesquisas espontâneas e avança nos cenários de segundo turno.



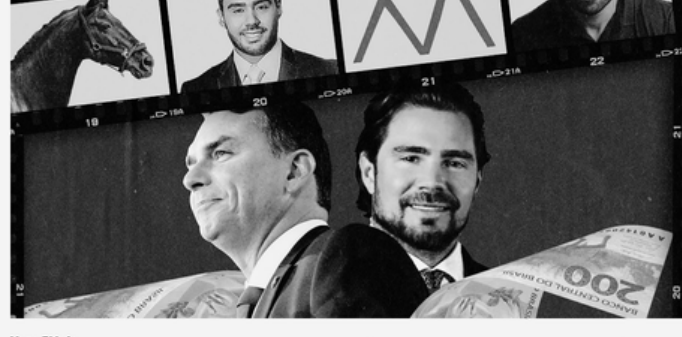
Mas o dado novo é a dimensão do escândalo que surgiu nos últimos dias:

Negociações atribuídas ao senador com o banqueiro Daniel Vercaro para repasse de US\$ 24 milhões destinados a financiar um filme sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro. O caso gerou quase um milhão de menções nas redes sociais em menos de 24 horas e foi enquadrado por analistas como um dos maiores picos de interesse digital em uma crise política desde a prisão do próprio Vercaro.

O que isso muda no cenário?

Eleição empatada já era ruim para o câmbio. Eleição empatada com escândalos nos dois lados é ainda pior. O mercado precifica incerteza. Quanto mais imprevisível o resultado, mais alto o prêmio que o dólar cobra para ficar no Brasil.

Esse movimento já estava acontecendo. Tende a se intensificar nas próximas semanas. Para quem tem todo o patrimônio em real, num cenário em que candidatos com posições fiscais distintas estão separados por margem de erro nas pesquisas, a exatidão cambial agora é mais uma discussão de longo prazo. É uma revisão que deveria acontecer antes, antes que o mercado precifique um resultado que ainda ninguém sabe qual vai ser.



Vozes Flávio  
**AUDIO: Flávio Bolsonaro negociou com Daniel Vercaro R\$ 134 milhões para bancar filme sobre Jair**

Mensagens obtidas pelo Intercept indicam contato direto entre senador e dono do Banco Mercus, que está preso. Documentos indicam que pelo menos R\$ 61 milhões seriam...

13 de maio - Paulo Motyryn, Eduardo Goulart, Luis Martins, Andrew Fishman, Cecilia Oliviera, Leandro Becker, Mauricio Mizaro



Cartão Mercado  
**EXCLUSIVO: Planilha e comprovante bancário mostram como Vercaro enviou dinheiro aos EUA para financiar 'Dark Horse'**

Cronograma de pagamento e recibos de transferência internacional comprovam que, após troca de mensagens, milhões de dólares foram repassados para fundos de advocacia...

9 de junho - Paulo Motyryn, Eduardo Goulart, Leandro Becker, Mauricio Mizaro

## O que conecta esses três movimentos?

Fed sinalizando juros mais altos por mais tempo. Bitcoin em correção por razões macroeconômicas, não por fraqueza própria. Eleição brasileira se tornando mais imprevisível com novos elementos entrando no jogo.

Os três têm um denominador comum: incerteza.

A incerteza tem um custo que vai sendo cobrado de forma silenciosa de quem não está posicionado para atravessá-la.

O segundo semestre de 2026 já começou diferente do que o mercado esperava em janeiro. Quem revisar o posicionamento com essa leitura na mão chega em outubro num lugar diferente de quem esperou para ver o que acontece.

Ao longo deste e do próximo mês, no meu **Instagram**, vou continuar acompanhando os desdobramentos dessa decisão de juros, da negociação com a União Europeia, da maturação institucional do Bitcoin e do que tudo isso representa, na prática, para quem tem patrimônio relevante construído no Brasil.